

**POSSIBILIDADE DE LEITURA DA MÚSICA PAIS E FILHOS NA
PERSPECTIVA DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA DE ANÁLISE DO
DISCURSO**

Willian Araujo Neto¹

UEMS

Sandra Espíndola Macena²

UEMS

RESUMO: Considerando essa trajetória histórica, é evidente que os desafios educacionais no Brasil são extremamente complexos retratados nas dificuldades de aprendizagem dos alunos no sistema de ensino atual. Pensando nisso, o governo brasileiro implementou testes de avaliação do desempenho para os alunos, sendo a Prova Brasil um desses instrumentos. Conforme ressaltado por Juchum (2016), essa prova desempenha um papel crucial ao permitir uma reflexão e revisão de diversas questões relacionadas a aprendizagem, especialmente no que diz respeito à competência em leitura e escrita. Outra avaliação de relevância é o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), que, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2018), revelou que o Brasil apresenta um nível de proficiência consideravelmente baixo em Leitura, Matemática e Ciências em comparação com outros 78 países. Acrescentou, também, que aproximadamente 50% dos brasileiros não alcançaram o patamar mínimo de proficiência que todos os jovens deveriam atingir até o fim do ensino médio, somados aos dados de que os estudantes brasileiros estão, em média, dois anos e meio abaixo dos países pertencentes à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no que se refere ao nível de proficiência em leitura.

Palavras-chave: Análise; Discurso; Estudantes; Leitura.

Introdução

Herdeira de uma tradição de ensino calcado na classe dominante, orientado pela Igreja e focada no sexo masculino, desde o período colonial, a educação no Brasil perfaz um longo caminho de aprendizado na busca de um ensino de qualidade acessível a qualquer pessoa que deseje se aprofundar no conhecimento. Muitos séculos após a catequização dos indígenas pelos jesuítas, tendo a crença do ensino da leitura e da escrita como trampolim para a conversão religiosa.

Padovan (2018), lembra que a pedagogia jesuítica da época enfatizou a divulgação da fé católica e o processo educacional, valorizando a utilização da linguagem

¹ Graduado em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul da Unidade de Dourados/MS

² Professora Doutora no Curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul da Unidade de Dourados/MS

culta e a memorização como métodos de ensino. Isso gradualmente deu origem à educação de jovens e adultos no país, uma vez que o ensino católico era direcionado à educação da população mais velha que ainda necessitava ser catequizada.

Considerando essa trajetória histórica, é evidente que os desafios educacionais no Brasil são extremamente complexos retratados nas dificuldades de aprendizagem dos alunos no sistema de ensino atual. Pensando nisso, o governo brasileiro implementou testes de avaliação do desempenho para os alunos, sendo a Prova Brasil um desses instrumentos. Conforme ressaltado por Juchum (2016), essa prova desempenha um papel crucial ao permitir uma reflexão e revisão de diversas questões relacionadas a aprendizagem, especialmente no que diz respeito à competência em leitura e escrita. Outra avaliação de relevância é o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), que, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2018), revelou que o Brasil apresenta um nível de proficiência consideravelmente baixo em Leitura, Matemática e Ciências em comparação com outros 78 países. Acrescentou, também, que aproximadamente 50% dos brasileiros não alcançaram o patamar mínimo de proficiência que todos os jovens deveriam atingir até o fim do ensino médio, somados aos dados de que os estudantes brasileiros estão, em média, dois anos e meio abaixo dos países pertencentes à Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no que se refere ao nível de proficiência em leitura.

Com estes dados, nasceu a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018, documento promulgado pelo governo federal apresentando nas áreas das linguagens – língua portuguesa a posição do texto como centro das práticas de linguagem. No documento, fica clara a importância da variedade de gêneros textuais que devem ser trabalhados, tanto orais quanto escritos. Sendo assim o ensino atravessado pelos objetos de conhecimento e habilidades a partir de eixos direcionadores estão dispostos neste documento orientador de currículos para estados e municípios da federação, referindo-se aos elementos estruturais que definem as aprendizagens essenciais que todos os estudantes brasileiros devem adquirir ao longo de sua trajetória educacional.

Na área de língua portuguesa esses elementos são divididos em quatro eixos ou práticas de linguagem: Oralidade: que trata da compreensão e produção de discursos orais, incluindo ouvir, compreender, expressar-se e interagir oralmente desenvolvendo

habilidades de escuta, expressão oral e comunicação; Leitura/escuta: que aborda a compreensão e interpretação de textos escritos em diferentes formas; Produção escrita e/ou multissemiótica: desenvolve a capacidade de produzir textos escritos em diversos contextos e gêneros. Essa prática abrange diversas etapas, incluindo planejamento, redação, revisão e edição de textos, juntamente com o entendimento das normas da língua escrita. Por fim, engloba a Análise Linguística/Semiótica, que se concentra no estudo da língua em seus aspectos formais, como gramática, ortografia, sintaxe e semântica, com o objetivo de compreender o seu funcionamento e tomar decisões linguísticas relacionadas. A abordagem Epilinguística/Metalinguística destaca o reforço da metalinguística, e o trabalho defende a epilinguística, a análise linguística e gramática, buscando oferecer uma compreensão mais profunda desses elementos no contexto linguístico.

Percebe-se o interesse em comum entre as práticas de linguagem de Língua Portuguesa na BNCC e a Teoria da Semiologia de Análise do Discurso, pois ambas compartilham o interesse pelo estudo da linguagem de forma a conectar o ensino da escola com as práticas sociais orais, de leitura, de análise linguística e de produção presentes na sociedade. A Teoria Semiológica de Análise do Discurso aborda o ensino da língua/linguagem: palavras, símbolos e imagens como forma de construção de significados e sentidos por meio de diferentes sistemas de signos empregados na comunicação.

O eixo ou prática de linguagem leitura/escuta, conforme configurada na BNCC, associa-se muito diretamente à prática de análise linguística/semiótica num viés da semiologia que se estabelece no campo de conhecimento da opacidade da língua, do sujeito e da história, diferenciando-se por teoria e método próprios, ela apresenta-se como um campo interdisciplinar propondo uma abordagem da linguagem diante de sua apropriação por parte de sujeitos sociais inscritos em contextos sócio-histórico específicos.

Charaudeau (2008) em seu objeto de estudo tem como proposta compreender os efeitos de sentidos gerados pelas práticas languageiras, uma vez que, o sentido só poderia ser considerando quando a relação entre os sujeitos e os aspectos de produção do discurso e do contexto histórico em que o ato da comunicação ocorre, coincidirem. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de leitura da música *Pais e Filhos* da banda Legião Urbana, utilizando a Teoria Semiológica de análise de

discurso aplicada ao ensino. Pretendemos examinar como a trama textual da música é construída por meio de mecanismos léxico-semânticos e pragmáticos da organização discursiva, bem como compreender as intersubjetividades presentes nos interdiscursos, levando em consideração o ato da linguagem e a comunicação como orientadores do processo de interpretação a partir do contrato de comunicação proposto por Charaudeau.

Dada a relevância da Semiologia na compreensão da linguagem como um sistema de signos interrelacionados, a sala de aula se configura como um ambiente propício para explorar a semiotização do mundo pela palavra. A análise da música não apenas contribuirá para a construção do processo de leitura a partir de elementos linguísticos que oferecem condições para seu desenvolvimento, assim como, a análise linguística o fará considerando a língua em seu contexto sócio-histórico e cultural. Através desse processo, os alunos aplicarão um arcabouço linguístico-gramatical que é moldado pela relação entre forma e sentido que o texto oferece.

A semiologia oferece uma abordagem complementar para o estudo da linguagem, buscando melhorar a qualidade do ensino e da comunicação. Assim, a proposta de leitura da música *Pais e Filhos* representa uma oportunidade prática de aplicação desses conceitos em sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades dos alunos e uma compreensão mais profunda da linguagem e da comunicação. Por se tratar de um trabalho de ordem qualitativa e bibliográfica contaremos com as contribuições de Charaudeau (2008) e outros, além de artigos para melhor fundamentação da análise – a Teoria Semiológica de análise do discurso e de documentos voltados para o ensino como a BNCC.

Teoria Semiológica de análise do discurso

A Teoria Semiológica de Análise do Discurso é uma abordagem que envolve o estudo abrangente das produções linguísticas, tendo o discurso como sua base fundamental. Xavier, Rebelo e Monnerat, (2021), nessa perspectiva, explicam que essa abordagem confirma a existência de duas atividades essenciais no ato de linguagem: a simbolização referencial, que se relaciona com a estrutura da linguagem e sua capacidade de construir significados relacionados à realidade circundante dos indivíduos, e a significação, que considera a linguagem como um meio para além das palavras, criando uma totalidade discursiva.

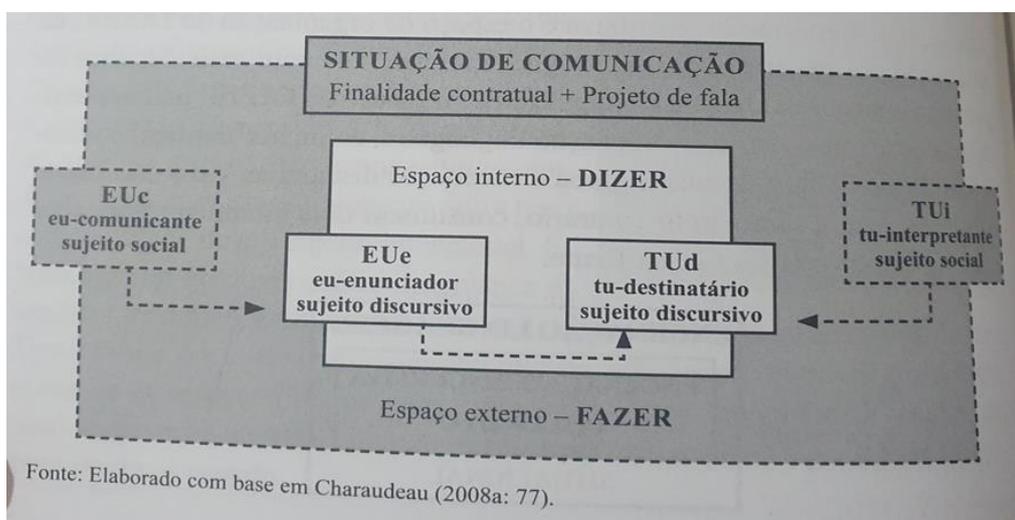
Giering e Teixeira (2004) destacam que o discurso desempenha um papel fundamental ao relacionar eventos linguísticos em termos de ação e influência, pois visa à intervenção de um sujeito que, ele próprio, é um ser linguístico. Além disso, compreende o ato de linguagem como produto de um contexto no qual participa tanto um locutor quanto um interlocutor, mesmo que desiguais, podendo oferecer diferentes interpretações a palavras e expressões linguísticas, conferindo-lhes múltiplos sentidos. Nesse sentido, a análise semiolinguística direciona seu foco para o sentido social e os efeitos da linguagem em uso, na produção discursiva e nos procedimentos interativos que determinam a produção e recepção do discurso. Trata-se, assim, de uma teoria que se interessa pelas diversas formas de interação linguística entre locutores em um determinado contexto, sob dada especificidade.

A Teoria Semiolinguística pressupõe que um ato de linguagem ou discurso se desenvolva com base nos protagonistas da interação comunicativa, em uma encenação intencional. O sujeito semiolinguístico, cuja voz é comandada por formações discursivas, age de modo a influenciar de alguma maneira seu parceiro e interlocutor. Segundo Xavier (2021), a Semiolinguística é uma das abordagens mais modernas da Análise do Discurso e se concentra na compreensão das representações linguísticas que são moldadas e condicionais entre uma sociedade e seus membros. Para isso, seus instrumentos de análise são focados na descoberta dos jogos de significação psicossocial presentes nos atos de linguagem, especialmente na carga semântica das palavras e nos modos de organização discursiva que compõem uma situação de intercâmbio.

Xavier (2021) ressalta que o conceito de análise do discurso, no texto poético, no texto jornalístico, no texto científico, ou em qualquer gênero textual, deve considerar as condições nas quais o discurso é produzido, bem como na recepção desses textos, levando em conta a subjetividade dos envolvidos e enfatiza que a linguagem desempenha um papel essencial nessas condições de produção. Essas condições incluem a presença de interlocutores, o propósito comunicativo e o contexto de onde os discursos emergem, entre outros fatores.

Na Teoria Semiolinguística é considerado que todo ato de linguagem é uma encenação, nomeada *mise-en-scène*, e envolve pelo menos quatro sujeitos. Dois desses sujeitos são os parceiros de carne e osso, também chamados de EUc (Eu-comunicante) e

TU_i (Tu-interpretante), que atuam no circuito do fazer. Os outros dois sujeitos são os protagonistas discursivos internos, criados pelo Eu-comunicante, denominados EU_e (Eu-enunciador) e TU_d (Tu-destinatário), que encenam no circuito do dizer. Para ocorrer, essa encenação é organizada em torno de um contrato de comunicação, conforme indicado pelas setas.



Fonte: Xavier (2021, p.18)

Nesse contexto, cada participante da comunicação linguística desempenha um papel distinto. O Eu-comunicante, o indivíduo real, assume a liderança na criação do discurso, é ele quem apresenta um ser fictício, o Eu-enunciador, que possui voz e expressão, com o objetivo de influenciar o Tu-interpretante, outro participante real da comunicação. Para tornar isso mais claro, de acordo com a teoria semiolinguística, há, na verdade, dois "eus" enunciativos no jogo: um deles é concebido pelo Eu-comunicante, enquanto o outro é construído pelo Tu-interpretante. Em certos contextos, como na publicidade, o Eu-comunicante pode ser uma entidade composta, em que várias pessoas colaboram para criar o gênero publicitário em questão.

Conforme destacado por Xavier (2021), a metodologia proposta pela Teoria Semiolinguística do Discurso sustenta que um ato de linguagem ou discurso se molda

com base na significação nos quais os protagonistas da interação comunicativa estão inseridos. Esse processo ocorre de maneira intencional, na encenação, o sujeito semiolinguístico, sob a influência dos vários discursos (interdiscursos) presentes em sua fala, atua de forma a exercer alguma influência sobre seu parceiro, seu interlocutor. Nas palavras da autora:

Todo ato de linguagem corresponde a uma dada expectativa de significação. O ato de linguagem pode ser considerado como uma interação de intencionalidades cujo motor seria o princípio do jogo: “Jogar um lance na expectativa de ganhar”. O que nos leva a afirmar que a encenação do dizer depende de uma atividade estratégica (conjunto de estratégias discursivas) que considera as determinações do quadro situacional (XAVIER, 2021, p. 28).

Exemplos práticos dessa teoria podem ser apresentados na análise de qualquer tipo de texto. As canções³, por exemplo, que frequentemente refletem atitudes relacionadas às experiências de vida, enquanto obra literária e poética são moldadas pela perspectiva de um sujeito cujas vivências exercem influência direta sobre seu projeto de comunicação. Trabalhar com canções por meio da abordagem semiolinguística no ensino da língua portuguesa, em meio a uma variedade de textos apresentados em diferentes esferas da atividade humana, envolve o reconhecimento da organização temática, composicional e estilística dessas produções.

Os temas que permeiam as letras das músicas frequentemente suscitam debates profundos e oferecem aos leitores uma riqueza de conteúdo referencial a ser explorado. Além de abordar valores e atitudes defendidas por determinada sociedade, o texto de natureza literária, devido à sua subjetividade, fornece análises profundas a partir das relações entre forma e sentido.

³ Trataremos canção como a composição escrita (letra) da música e não a parte instrumental.

Os modos de organização do discurso

Contribuindo com a análise da semiolinguística, os modos de organização textual desempenham importante papel, uma vez que os textos podem se organizar de várias formas. Para Charaudeau, modos de organização do discurso são elementos cruciais na comunicação eficaz, clara e consistente. Estes modos, também chamados de estruturas discursivas, referem-se às diferentes formas pelas quais as ideias e informações podem ser arranjadas e apresentadas em um texto ou fala. Eles desempenham um papel fundamental na compreensão e na capacidade de persuasão do discurso.

Charaudeau (2008) descreve o texto como a representação tangível (seja verbal, semiológica, oral, gráfica, gestual, icônica, etc.) da encenação de um ato de comunicação que ocorre em um contexto específico, assim aos objetivos discursivos de um determinado falante, adequado ao gênero discursivo específico para a ocasião (XAVIER, 2021). Ele também argumenta que, uma vez que os propósitos das situações de comunicação e os objetivos discursivos são compatíveis, cada texto deve estar em sintonia com esses objetivos. Ao se elaborar um texto de qualquer gênero discursivo, deve-se articular, pelo menos, dois modos de organização do discurso, que para a análise semiolinguística do discurso “dependem da finalidade comunicativa do falante: enunciar, descrever, contar, argumentar” (Charaudeau, 2008). Cada um desses modos possui características próprias e incorpora elementos lexicais, sintáticos e semânticos específicos. Para este texto, nos fixaremos nos modos narrativo, descritivo e enunciativo.

Tendo como exemplo o modo narrativo, Tavares (2021) ressalta que esse modo envolve a criação de uma representação em movimento de uma ação, que transforma uma parte descritiva, geralmente estática, em uma narrativa que segue uma linha temporal, com o objetivo de realizar um relato. Isso vai além de simplesmente relatar ou narrar algo, trata-se de algo mais profundo do que apenas descrever uma sequência de ações. Segundo Charaudeau (2008), trata-se de uma atividade linguística que transcende a mera narrativa, envolvendo tanto os aspectos narrativos quanto os descritivos da linguagem. Charaudeau enfatiza que o ato de contar envolve uma série de tensões e contradições inerentes à linguagem.

Para Bastos (2014), uma narrativa é um termo mais abrangente que inclui tanto os modos narrativos quanto descritivos, e envolve a finalidade de "contar", ou seja, descrever, simultaneamente, ações e qualidades. Além disso, uma narrativa requer um "contador" que tenha a intenção de comunicar uma experiência específica do mundo a um destinatário de uma maneira particular em um contexto definido. Portanto, o modo narrativo organiza o mundo de forma sequencial e contínua, seguindo uma lógica que estabelece coerência por meio de um início e um fim definido, e é caracterizado por uma dupla articulação. De acordo com Charadeau (2008), o modo narrativo engloba dois níveis de estruturação: um sistema lógico que direciona a ordem dos eventos que compõem a narrativa e uma estrutura sintática com um ponto final, possibilitando assim modificações ou simplificações em relação à sua organização lógica. Portanto, o modo narrativo é identificado por meio de uma dupla composição: a estruturação da narrativa lógica e a configuração da representação narrativa.

O modo descritivo, na visão de Charadeau (2008), é observar a realidade a partir de um lugar estático, dando vida aos seres a partir de sua nomeação, localização e atribuição de qualidades que os identifiquem, com diferentes graus de objetividade/ subjetividade, representando um processo e não um produto. Ao nomear, adiciona-se a percepção do interlocutor, tornando-se um movimento em direção à construção de seres/sentimentos significativos no mundo instituindo-os num espaço-tempo localizável, portanto, nas representações construídas na cultura. Conforme o projeto de fala e a intencionalidade, em conjunto com as escolhas léxico-semânticas e sintáticas, as representações no tempo e no espaço vão se definir como tangíveis ou atemporais. No entanto, é a qualificação atribuída que ancora a construção e a apropriação das representações a serem construídas como significativas para o leitor. Segundo Feres, na qualificação, elegem-se “características, qualidades que retratam o mundo perspectivamente, de acordo com um modo de olhar, através de um filtro, ao mesmo tempo, biológico/perceptível e cultural/interpretativo” (Feres, 2023, p. 132). Ambos os modos narrativo e descritivo estão interligados. O descritivo constrói sentido a partir de outros modos.

Diferentes formas de organização coexistem na composição do texto, embora uma delas geralmente predomine, dependendo do contexto comunicativo, da

especificidade do autor e do efeito desejado. O conceito de modo enunciativo ainda não é muito disseminado, voltamos a Benveniste para melhor compreensão do termo. Para este autor, pioneiro nos termos enunciação e enunciado, define o primeiro como “um processo linguageiro que converge para o ato de enunciar, de produzir cadeias verbais ou complexos multimodais” (Votre, 2019, p. 29), ou seja, é o processo de colocar a língua em funcionamento por meio de um ato individual a partir da escolha de determinados itens léxico-semânticos. O segundo seria a apreensão da compreensão realizada pelo sujeito interpretante. O discurso seria, dessa forma, a expressão da enunciação.

Charaudeau (2008) explica que a enunciação desempenha um papel fundamental no ato de utilizar os elementos da língua para transformá-los no discurso. O enunciador, por sua vez, é um aspecto complexo que demonstra como o locutor se apropria da língua para organizar o discurso. O modo enunciativo é uma categoria pertencente ao discurso, não à língua, e está relacionada à conduta dos interlocutores, ou seja, à maneira como os falantes se comportam dentro do ato de comunicação. Esse modo de organização do discurso é formado por três funções fundamentais, sendo que cada uma delas está relacionada a uma posição específica do locutor e, conseqüentemente, a um comportamento distinto durante o ato de fala. Esses comportamentos individuais são denominados de atos locutivos, e as especificações desses atos, ou seja, suas subcategorias, são conhecidos como modalidades enunciativas. As três funções do modo enunciativo, de acordo com a posição pelo locutor, são:

estabelecer uma relação de influência entre o locutor e o interlocutor, a que denominamos *ato alocutivo* ou *alocução* (relação locutor- interlocutor);

revelar o ponto de vista do locutor, a que denominamos *ato elocutivo* ou *elocução* (relação locutor- locutor);

retomar a fala de um terceiro, a que denominamos *ato delocutivo* ou *delocução* (locutor–proposição) (Charaudeau, 2008, p.101).

Cada ato se reveste de determinadas particularidades na escolha tanto linguísticas quanto na organização do próprio discurso (XAVIER, 2021) conforme os

objetivos de comunicação pretendidos. No ato alocutivo, o locutor sobrepõe seus saberes e vontades sobre seu interlocutor numa tentativa explícita ou não de convencê-lo de seu posicionamento. O interlocutor, nesse caso, sente-se solicitado a responder e/ou reagir. Assim, como na função conativa da linguagem, o ato alocutivo é centrado no interlocutor, levando-o a assumir ideias, atitudes ou comportamentos sugeridos/propostos a ele. Já no ato elocutivo:

a enunciação tem o efeito de modificar subjetivamente a verdade do propósito enunciado, revelando o ponto de vista interno do locutor. Portanto, a elocução pode ser identificada nas seguintes modalidades enunciativas: constatação, conhecimento/ignorância (formas de saber), opinião, avaliação (avaliação), obrigações, possibilidade, desejo (motivação), promessa, acessível/recusa, concordância/desacordo, declaração (compromissos) e proclamação (decisão) (Xavier, 2021, p.102)

Por último, o ato delocutivo, no qual o emissor transmite sua intenção comunicativa sem assumir plena responsabilidade por ela, resultando na ausência tanto do emissor quanto do receptor nesse tipo de enunciação. As afirmações que caracterizam o ato delocutivo, envolvendo a formulação impessoal das declarações ou a referência a terceiros, ou que resultam na impossibilidade tanto do emissor quanto do receptor de expressarem suas posições, pois a enunciação implica que a intenção comunicativa existe de forma independente.

Xavier (2021) Explica que uma maneira eficiente de abordar o aspecto da enunciação envolve estabelecer ligações com outros elementos comuns na língua portuguesa, enriquecendo, assim, a compreensão dos alunos a respeito dos detalhes e das ramificações de cada ato de fala. Dentro desse contexto, uma tática seria focalizar a atenção dos alunos na análise da letra de uma canção, possibilitando que eles identifiquem os atos comunicativos presentes e apreciem as diversas interpretações que cada um deles pode gerar. Fornecendo assim uma vivência prática para explorar o aspecto enunciativo e a complexidade da comunicação linguística.

O trabalho com canções em sala de aula

A canção, enquanto um gênero textual literário, às vezes se apresenta como uma narrativa breve associada a uma descrição de seres ou de sentimentos com o propósito de relatar/escrever eventos, expressando sentimentos do emissor, atitudes ou situações que se manifestam na vida cotidiana, e frequentemente, aspectos da vida amorosa. Dado que é um gênero textual bastante comum, sua utilização como meio para expressar sentimentos oferece uma oportunidade para focalizar a língua em seu uso e destacar a importância que ela desempenha no contexto das práticas educacionais de Língua Portuguesa.

Conforme observado por Xavier (2021), a análise do discurso por meio das letras de músicas – canções - considera as condições nas quais o discurso é produzido, enfocando as questões da subjetividade e enfatizando a relevância da escolha e organização da linguagem nas situações em que um discurso é criado. A canção, frequentemente retrata atitudes relacionadas a vivências e experiências vividas e encenadas. Textos literários semantizam o mundo de forma figurativa e metafórica, criando representações para o mundo real a partir da experiência única de cada sujeito.

As canções são um tipo de texto narrativo/descritivo/enunciativo frequentemente utilizado para expressar sentimentos e experiências emocionais, pleno de valores e atitudes próprios de determinados momentos do sujeito que são compartilhados com outros. Sendo comumente trabalhado nas escolas, desde os anos iniciais, passando pelos finais e ensino médio. Portanto, o trabalho com canções, através da perspectiva da teoria semiolinguística no ensino da língua portuguesa, visa aprofundar as questões de interpretação e compreensão de textos tendo em vista a semantização do mundo a partir das escolhas léxico-semânticas considerando a organização temática, composicional e estilística.

Leitura e análise da música “Pais e filhos” do grupo Legião Urbana:

PAIS E FILHOS
Grupo Legião Urbana
Compositor: Renato Russo (1989)

Estátuas e cofres
E paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender

Dorme agora
É só o vento lá fora
Quero colo, vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três
Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Por que se você parar pra pensar
Na verdade não há

Me diz por que que o céu é azul
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos que tomam conta de mim

Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar
Já morei em tanta casa que nem me lembro mais
Eu moro com os meus pais

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Por que se você parar pra pensar
Na verdade não há

Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não lhe entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
E isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer?

A música Pais e filhos foi composta por Renato Russo da Banda Legião Urbana e foi lançada no ano de 1989. A história por trás da letra da música de Renato Russo gerou várias especulações e interpretações ao longo do tempo. Embora haja inúmeras reportagens disponíveis na internet que sugerem que ele compôs a canção após a trágica morte de uma amiga por suicídio, é importante destacar que não existem confirmações definitivas a esse respeito. Não foram encontradas fontes ou materiais que afirmem categoricamente essas hipóteses.

Em um registro de participação de Renato Russo no *Programa Livre*, gravado em 10 de maio de 1994 e disponível no *YouTube*, o artista lembrou que a canção, em particular, evoca um capítulo de sua vida que ele preferia não revisitar e, por essa razão, optou por tocar outras músicas. A relação direta da música com a vida do cantor é notável, especialmente considerando acontecimentos significativos em sua trajetória.

Além de relacionar a música às experiências vividas por ele e pelos membros da banda no âmbito familiar, é importante ressaltar que a canção conquista e mantém sua relevância e sucesso até os dias atuais. Isso demonstra o poder da música em abordar temas delicados e sensíveis, como os vivenciados por Renato na época, tocando profundamente os corações do público.

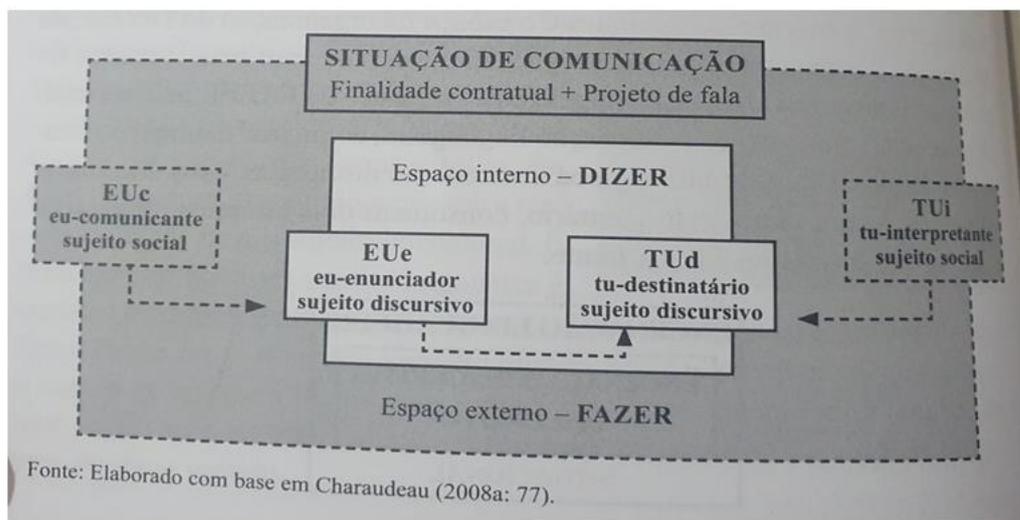
Quando analisamos textos, independentemente de sua tipologia ou gênero, a primeira pergunta que surge é: com que propósito esse texto foi escrito? Por meio da Teoria Semiolinguística, há uma finalidade contratual que se desdobra num projeto de fala, numa intencionalidade, ou seja, alguém tem algo a dizer para um interlocutor em potencial. O compositor Renato Russo, enquanto eu-comunicante autor, escreve para um Tu-interpretante ausente, por isso, caracterizado como Tu-destinatário no circuito interno do dizer (Charadeau, 2005).

Retomando o contrato de comunicação, no circuito interno do dizer, surge o eu-enunciador como um desdobramento do Eu-comunicante, é esse primeiro que vai passar o projeto de fala que o segundo pretende enunciar configurando uma “dupla *mise-en-scène*: uma no mundo da produção e interpretação e outra no mundo da representação, pois, no espaço interno”, situam-se entes” ficcionais (Rebello, 2021, p.26) – o “eu-lírico” e as projeções dele a respeito das questões filosóficas da vida (Rebello, 2021, p.26). Há

uma legitimidade construída acerca do autor como um compositor e integrante de uma banda conhecida nacionalmente, logo, isso passa uma credibilidade às ideias manifestadas pelo Eu-enunciador. Há uma identidade social genuína, real acerca do autor que vai validar as concepções de mundo manifestadas pelas lentes do autor na figura do Eu-enunciador. Lembrando ainda, que a partir do momento que o Eu-Comunicante determina um Eu-Enunciador ele não tem nenhum compromisso com fatos da realidade, passando este segundo Eu a assumir todas as questões apreendidas no texto de forma ficcional. Essas ideias serão retomadas no decorrer do texto de forma mais abrangente.

Para utilizar a Semiologia de Análise do Discurso, partimos da semiotização do mundo. Nesta abordagem, todo ato de linguagem se resume a uma encenação, *mise-en-scène*, na qual se apresentam quatro sujeitos, conforme contrato de comunicação estabelecido implícita e explicitamente pelos sujeitos. Ao focar nos papéis do Eu-comunicante/Eu- Enunciador e Tu-destinatário/Tu-interpretante, de acordo com a teoria, aproximamos os alunos do ato de linguagem e do ato de comunicação.

Para a análise da canção vamos trazer o contrato de comunicação e por meio dele proceder a possíveis leituras que o texto potencializa.



Fonte: Xavier (2021, p.18)

Ribeiro (2021) ressalta que para estabelecer uma situação de comunicação, é fundamental que surjam duas abordagens diferentes na forma de expressão, originadas de projetos de fala diferentes. Estas são indicadas pelos interesses discursivos e estão relacionadas a duas realidades sociais separadas. Dois contextos são delineados para que as situações comunicativas ocorram: circuitos internos e circuitos externos de linguagem. Referem-se aos espaços internos e externos da comunicação linguística, respectivamente. Para Ribeiro:

um dispositivo em que se entrevê um Eu-enunciador(da esfera interna), guiada por um Eu-comunicante (da esfera externa), e um Tu-destinatário (da esfera interna), projetado por esse mesmo Eu-comunicante e ligado a um Tu-interpretante (da esfera externa). Os sujeitos ditos internos, são assim, o Eu-enunciador e o Tu-destinatário e configura-se como ‘representações languageiras das práticas sociais’ sendo definidos como sujeitos de fala, materializados e instituídos na fala, verdadeiros protagonistas/atores na encenação comunicativa (RIBEIRO, 2021, p. 67).

Um contrato de comunicação para Charaudeau (2008), é uma norma socialmente aceita que determina as condições adequadas para a produção de diferentes tipos de discursos (como narrativos, argumentativos, persuasivos, descritivos, com diferentes estilos e formalidades) com relação à identidade dos envolvidos, aos objetivos legítimos, aos conhecimentos relevantes e às informações materiais. Da mesma forma, ele estabelece quais tipos de discurso são adequados para condições específicas. Para a canção *Pais e filhos*, o compositor, tendo como instrumento o Eu-comunicante, instaura uma cena enunciativa na qual é possível vislumbrar fatos próprios de relacionamentos familiares que o sujeito Eu-Interpretante pode facilmente reconhecer. Ambos enquanto sujeitos de carne e osso, sujeitos sociais com lugares estabelecidos no mundo real, conseguem fazer circular informações reconhecíveis aos núcleos familiares da vida cotidiana. O contrato de comunicação abrange mais do que as categorias gerais de atos de linguagem. Segundo Charaudeau (2008) todos os usos da linguagem podem ser vistos como contratos de comunicação específicos. Isso implica que o comunicador deve ter o direito de fala reconhecido pelo interpretante.

Ribeiro (2021) destaca, ainda, que o Eu-comunicante e o Tu-interpretante, desempenham o papel de criar o ato de produção como parceiros reais na troca de linguagem. Eles são produtos de construção social e cultural, conectados por um contrato de comunicação implícito. Por outro lado, o Eu-enunciador (interno) e o Tu-destinatário (interno) são concepções derivadas do Eu-comunicante e do Tu-interpretante, respectivamente. É importante destacar que o Eu-enunciador reflete sua intenção no ato de produzir a fala. Neste contexto, a escolha dos elementos linguísticos da composição aponta para uma intencionalidade, que é um dos pilares da teoria semiolinguística, a junção da forma e do sentido a partir dessas escolhas orienta para uma determinada compreensão a partir do intercâmbio entre língua e discurso.

Dentro da Dimensão Semiolinguística, a canção em análise descreve um cenário multifacetado com várias situações e personagens interagindo, projetados pelo Eu-Comunicante no Eu-Enunciador. A escolha dos elementos linguísticos “estátuas e cofres”, “paredes pintadas” – na combinação de substantivos, conjunções e verbos, associados a oração “ela se jogou da janela do quinto andar”, logo na primeira estrofe, carrega sentidos projetados pelo Eu-Comunicante ao Eu-Enunciador e captados pelo Tu-Destinatário e pelo Tu-interpretante. Uma semântica complexa que revela um ambiente de angústia, alienação e denúncia. O terceiro e o quinto versos da primeira estrofe, materializada nas orações “Ninguém sabe o que aconteceu” e “nada é fácil de entender” orienta para uma leitura da perplexidade e do espanto, refletindo uma dialogia do sujeito com ele mesmo, como se levantasse um questionamento sobre acontecimentos ou fenômenos sobre os quais o ser humano não consegue compreender. Numa descrição/narração, os enunciados vão se delineando e apontando para conjecturas como o ato extremo de interrupção da própria vida, deixando em choque e emocionando o interlocutor. Isso revela as subjetividades do Eu-Enunciador e do Tu-Destinatário (projetado), próprios do circuito interno do dizer, instâncias fictícias que se dirigem ao circuito externo – do fazer – se unem numa simbiose perfeita ao se organizarem em estratégias discursivas de um ato elocutivo em que sentimentos de incompreensão de algumas atitudes pode gerar do ponto de vista do locutor. Na sequência a reprodução da primeira estrofe:

Estátuas e cofres
E paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender

Na estrofe seguinte, há uma brusca mudança da cena enunciativa, como se houvesse um retorno ao passado, recuperando a infância e a adolescência na perspectiva da paternidade/maternidade. O Eu-Comunicante projetando um Eu-Enunciador, um Tu-Destinatário e um Tu-Interpretante, organiza o discurso intercalando a forma injuntiva, o apelo presente no verbo “Dorme” no imperativo num ato alocutivo – do locutor para o interlocutor utilizando-se dessa forma verbal para demonstrar, pelo apelo, a proteção dos pais com relação aos medos infantis, assim como dos temores enfrentados pelos pais na adolescência dos filhos. Além disso, há o posicionamento enquanto pais para mostrar a beleza da espera do nascimento de um filho a partir da escolha do nome, ou seja, da identidade desse ser futuro que já traz sobre si determinadas expectativas. Essa passagem mostra o envolvimento emocional investido na criação dos filhos, como se questionando acerca da ação ocorrida na estrofe anterior, mas também como uma preparação para os questionamentos filosófico-existências que virão a seguir. Os vários momentos das relações familiares se intercalam e se imiscuem como no fluxo da consciência, como se a confusão mental devido ao acontecido na primeira estrofe levasse a isso. A alternância entre a segunda, a terceira e a primeira pessoa do discurso partindo da forma linguístico-gramatical e discursiva direcionam para conseguir esse efeito de sentido:

Dorme agora
É só o vento lá fora
Quero colo, vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três
Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito

A visão tridimensional proposta pela Semiologia de uma linguagem com uma dimensão cognitiva, social/psicossocial e semiótica ancoradas num projeto de fala, configura-se na canção nas dinâmicas familiares e nas interações entre diferentes gerações. Os termos *pais e filhos* representam projetos de fala distintos, os filhos na busca da compreensão e da aceitação, e a subjetividade dos pais na expectativa idealizada da paternidade/maternidade contrastando com as várias realidades possíveis de constituições familiares, tendo como ferramenta os componentes linguístico e semiótico entrelaçando-se na forma (língua) para a constituição do sentido (discurso):

Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar
Já morei em tanta casa que nem me lembro mais
Eu moro com os meus pais

O Eu-Comunicante – sujeito de fala do fazer cria condições, a partir do Eu-Enunciador para transmitir sua fala ao Tu-Destinatário (do discurso) e ao Tu-Interpretante – sujeito projetado como possível leitor. Os efeitos de sentido alcançadas por cada sujeito são únicos e não mensuráveis, uma vez que cada ser tem sua história e sua própria subjetividade, que conforme a situação o tocam de forma mais ou menos profunda. A interface da situação imediata – sujeitos objeto da intencionalidade e a situação imediata, e o(s) contexto(s) evocados pela canção dá a dimensão da gramática do sentido (intenção) e da gramática da expressão – a escolha e seleção linguístico-discursiva (Ribeiro, 2021). O ponto de vista do locutor no ato elocutivo – Eu/Meu - pronomes pessoais do caso reto, utilizados como pessoas do discurso para apontar para a voz da infância com a qual a identificação é traduzida na diversidade de experiências possíveis e diferenciadas. Essa voz está ancorada na conjugação dos verbos no presente do indicativo, como um momento certo e definido arranjado de forma a levar o Tu-destinatário e o Tu-interpretante a um passado atualizado pelo momento presente, como depoimentos num discurso direto, a fim de consolidar a ideia das várias possibilidades de constituições familiares na sociedade.

Durante toda a canção, O Eu-Comunicante coloca em cena o ser idealizado, ser de fala, o Eu – Enunciador, que não se confunde com o ser real e vai direcionar a construção de sentidos possíveis ao Tu-interpretante, que está na outra ponta da comunicação. Como há dois Eu-Enunciadores: o primeiro, imaginado pelo Eu-Comunicante e o segundo, pelo Eu-Interpretante (Rebello, 2021, p.18), podemos conjecturar que Renato Russo, enquanto ser de carne e osso, projeta nos possíveis leitores/ouvintes de sua canção uma resposta aos questionamentos que o Eu-Enunciador lança.

O Eu-Comunicante, a partir do Eu-Enunciador, provoca, no início da quarta estrofe, um deslocamento na enunciação ao sugerir questionamentos, como se houvesse um desdobramento, uma ascendência da esfera terrena, física à esfera das hipóteses, das dúvidas, das pressuposições acerca das questões da fragilidade e da vulnerabilidade humana em lidar com determinadas situações. Há uma exposição da condição de desamparo do humano frente a situações com as quais não consegue lidar, talvez por não conseguir compreendê-las. Os dois primeiros versos da quarta estrofe materializam essa ideia:

Me diz por que que o céu é azul
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos que tomam conta de mim

Já no último verso da mesma estrofe, a canção retoma a esfera física do quadro familiar, neste momento invertendo a lógica da atenção dos pais para com os filhos apontando para o cuidado dos filhos para os pais em momento adiantado da experiência humana. O contrato de comunicação estabelecido na canção, encenando um percurso narrativo/descritivo/enunciativo do texto, semantiza o mundo das questões familiares e provoca questionamentos acerca do posicionamento do sujeito perante ele. Ao incorporar questões filosófico-existenciais, o projeto de fala, ou seja, a intencionalidade como ato de linguagem interacionista, coloca a encenação do dizer atrelada a estratégias discursivas com a finalidade de provocar uma reação no Tu-Interpretante.

Dentro do contexto teórico de Charaudeau, o Eu-Comunicante é representado pelo compositor Renato Russo, ser social com existência social, enquanto o Eu-Enunciador, ser do discurso, projetado pelo Eu-Comunicante que se incumbem do papel de relatar fatos, descrever situações envolvendo a dinâmica familiar e levantar questionamentos acerca de questões carregadas de subjetividade. Esse Eu-Enunciador se manifesta no refrão:

É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Por que se você parar pra pensar
Na verdade não há

Quatro versos do refrão chamam a atenção do Tu-Destinatário e do Tu-Interpretante, a partir do modalizador “É preciso”, que se lexicaliza no discurso numa expressão cristalizada na junção do verbo ser na terceira pessoa + adjetivo. Esse apelo é quase uma constatação da vulnerabilidade humana frente às adversidades, é o que resta ao ser humano, uma vez que ele não tem nenhum controle sobre determinados conteúdos, como anseia acreditar. A ideia da obrigatoriedade de amar se transveste na modalidade delocutiva “desvinculadas do locutor e do interlocutor. O propósito existe *em si*, e se impõem aos interlocutores em seu modo de dizer, numa asserção e configuração delocutiva”, pode ser configurado numa asserção ou como discurso relatado (Charaudeau, 2008, p. 100).

O Tu-Destinatário como público leitor de discurso e como uma abstração do Tu-Interpretante, constitui-se como projeção do Eu-Comunicante. A leitura da canção provoca nesse pretense leitor sentimentos de angústia, de incerteza, de incapacidade humana em compreender certos fenômenos humanos, dessa forma, resta a filosofia como salvação. Essa estrofe, repetida duas vezes ao longo da canção coloca a urgência, a necessidade de amar as pessoas hoje, pois no futuro, essa pessoa pode não estar mais aqui para ser amada (retomando o ocorrido na primeira estrofe). O uso do verbo “houvesse” do modo subjuntivo precedido da negação associado à condicionalidade da partícula *se* em “se você parar para pensar” remetem à imprecisão, à condição de um momento em

que se deve parar tudo que se está fazendo e se entregar aos questionamentos da vida. Isso seria de suma importância para compreendermos, de forma inferencial que se amássemos mais no momento presente, não esperaríamos nada acerca do futuro e assim viveríamos melhor. É como se a canção apontasse que essa é a solução: não aspirar a nada, viver apenas o momento presente. Essa estrofe, assim como a quarta e a última se organizam numa linguagem mais filosófica, provocando uma ruptura com a descrição/narração e enunciação dos fatos da experiência humana real apresentados.

A última estrofe, segue esse mesmo padrão:

Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia

Há um teor de fragilidade e pequenez humana frente a questões vividas nas relações familiares nesses versos que se ligam imediatamente aos seguintes. Aparece, pela primeira vez no texto o verbo “culpar”. No entanto, esse verbo fica meio que subentendido no decorrer de toda a canção desde a primeira estrofe “nada é fácil de entender”, como se houvesse um questionamento do tipo: o que levaria uma jovem que tem um padrão econômico e uma estrutura familiar aparentemente satisfatórios tirar a própria vida? A partir desse escopo se organiza todo o projeto de fala do texto. Ao final, aparecem os pais como aqueles que se sentem automaticamente culpados, numa tentativa de compreensão do ocorrido. Nesse ponto do texto, o Eu-Comunicante, na materialidade do Eu-Enunciador, toma a palavra e se dirige, num ato alocutivo, ao interlocutor, ou seja, a segunda pessoa do discurso:

Você me diz que seus pais não lhe entendem
Mas você não entende seus pais
Você culpa seus pais por tudo
E isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer?

Essa segunda pessoa, dentro do discurso se direciona a um Tu-Destinatário, primeiro, e depois ao Tu-Interpretante, no entanto é um “tu” genérico, não é alguém específico, pontual. É como se fosse uma entidade social, fruto do imaginário coletivo. A discussão da culpa direcionada aos pais, como se tudo dependesse deles se dilui imediatamente com os próximos versos “E isso é absurdo”, num claro posicionamento de defesa da maternidade/paternidade. A tentativa de equiparação entre pais e filhos resulta na ideia de que somos todos aprendizes no círculo da vida, pois nascemos para sermos potenciais pais (de forma geral), ou seja, os pais também não possuem respostas para as grandes calamidades, catástrofes da vida e também não têm tanto controle sobre os acontecimentos como gostariam.

O Eu-Comunicante e o Eu-Enunciador finalizam o texto com um questionamento e isso leva à beleza do texto que, dividido em dois planos: o da realidade dos fatos e o das questões filosófico-existenciais organizados para direcionar o leitor para uma leitura mais densa, mais aprofundada e extremamente necessária. Os temas tragédia, relacionamentos familiares e amor que a canção apresenta se imbricam num contrato de comunicação perfeito.

Assim, com base na leitura/análise realizada, podemos deduzir que a canção busca transmitir uma mensagem real, espinhosa, delicada e sensível que expõe as relações familiares, trazendo suas fragilidades e vulnerabilidades humanas num gênero acessível ao leitor. A experiência de vida é o elemento central que confere significado às narrativas musicais, conforme ressaltado por Charaudeau (2003), textos pertencentes ao gênero popular refletem a capacidade do sujeito de assumir diferentes papéis, dependendo de sua posição. A interpretação é fundamental para dar sentido ao discurso, esclarecendo seus significados, relações com outros conjuntos de enunciados e conexões com instituições e contextos sociais. Isso, por sua vez, contribui para a explicação do conteúdo e dos significados subjacentes ao texto. A Teria Semiolinguística de Análise do Discurso, pode ser uma aliada interessante como percurso metodológico no auxílio à compreensão e interpretação de textos na escola. A apreensão dos termos técnicos e da metodologia em si são acessíveis e de fácil apreensão podendo conquistar os professores de língua portuguesa pela sua facilidade de aplicação, bem como por resultados satisfatórios.

Considerações finais

Este estudo nos levou a uma jornada intrigante e esclarecedora sobre a análise de textos em forma de canções à luz da Teoria Semiollingüística de Análise do Discurso. Ao longo do trabalho, pudemos perceber a complexidade subjacente à construção da canção *Pais e Filhos* e como essa abordagem teórica oferece ferramentas interessantes para desvendar camadas mais profundas de significado. Durante a análise, evidenciou-se que as letras de canções carregam significados/sentidos que vão além das palavras e da melodia. A Teoria Semiollingüística permitiu-nos explorar não apenas os conteúdo manifesto das letras, mas também os processos de enunciação, as relações de poder subjacentes e as formas pelas quais a cultura e a ideologia são transmitidas.

Ao aplicar essa perspectiva à música *Pais e Filhos*, expondo questões geracionais, de identificação identitária e comunicação, as quais desempenham um papel fundamental na composição da canção, a leitura/análise revelou como a música dinamiza as relações familiares tão complexas, simultaneamente, proporcionando reflexões advindas das tensões dessa relação. No entanto, é importante considerar que esta abordagem não esgota todas as possibilidades de leitura da canção. Cada ouvinte pode trazer suas próprias interpretações e experiências pessoais para a música, enriquecendo ainda mais seu significado.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>.

BRASIL. Portal MEC- Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em Leitura, Matemática e Ciências no Brasil. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/83191-pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil>.

CHARAUDEAU, P. *Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas*. Belo Horizonte: Col NAD/FALE/UFMG, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. *Da língua ao discurso; reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro:Lucerna, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo:Contexto, 2008.

DIAS, Thiago. *Música- Há 30 anos, tensão e pulsos cortados marcavam a gravação de "Legião Urbana"*. São Paulo-SP,2015. Disponível em:
<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2015/01/30/tentativa-de-suicidio-e-tensao-no-estudio-marcam-1-disco-da-legiao-urbana.htm>

GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene. *Investigando a linguagem em uso: estudos em Linguística Aplicada*. São Leopoldo: Ed.Usininos, 2004. p. 33-44.

GUIMARÃES, Augusto C. S. & DINIZ, Pedro W. R. *A Coleta De Dados Enquanto Principal Norteador Da Política Pública Estadual Mineira Para Obras E Reformas Em Escolas: Uma Análise Do Programa Mãos À Obra Na Escola*. Florianópolis-SC. 2022.

JUCHUM, Maristela. *VI Simpósio Internacional De Ensino De Língua Portuguesa Uberlandia.MG.2016*.

MENDES, Emília. *A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização*. *Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso*, v. 13, p. 36-56, 2013.

PADOVAN, Regina C. *História da Educação e métodos de aprendizagem em ensino de História*. Palmas – TO. 2018.

RIBEIRO, Patrícia Neves. *Uma gramática da expressão e do sentido*. In: XAVIER, Glayci; SILVA, Raimundo B. F. J. & ARAÚJO, Ronaldo M.L. *Evasão e abandono escolar na*

educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. Porto Alegre-RS.2017.

SOUZA, Everton A.M. Um Estudo Sobre O Vazio Educacional No Brasil Colonial. São Carlos – SP. 2020.

TAVARES, Danilo. O tempo como condutor da narrativa: tempo e Focalização em a chegada. Paraíba-PB, 2021.

VOTRE, Sebastião Josué. Análise do discurso. São Paulo:Parábola, 2019.

XAVIER, Glayci. REBELLO, Ilana. MONNERAT, Rosane. Semiologia aplicada ao Ensino. Editora Contexto. 2021.

Para citação:

NETO, Willian Araujo e MACENA, Sandra Espíndola. **Possibilidade De Leitura Da Música Pais E Filhos Na Perspectiva Da Teoria Semiológica De Análise Do Discurso.** In: Web-Revista Discursividade, Estudos Linguísticos, Volume 29, ISSN 1983-6740, Março/2025. Pp: 40-65. Consultar no Portal de periódicos científicos da Editora e Livraria Pantanal, <http://ojs.pantanaleditoraeditorialivraria.com.br>